

Luitgarde O.C. Barros. *A Derradeira Gesta: Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão*. São Paulo: Muad, 2000.

Maria-Eugênia D.C. Freitas

Nesta obra, a Dra. Luitgarde O.C. Barros conta através de uma linguagem clara, precisa e de tal modo poética, que se pode dizer que canta os dezenove anos de luta entre Ferreiras e Nazarenos, no sertão nordestino, no início do Século XX. Mais que a luta entre Lampião (Ferreiras) e Nazarenos, mais que a história do cangaço, ela canta o sertão nordestino, sua cultura, seus valores, seu povo, as transformações sociais de um período. Como ela mesma diz, a luta entre Lampião e Nazarenos é uma alegoria às transformações vividas pela sociedade sertaneja no período estudado. O livro *A Derradeira Gesta* ficou entre os finalistas ao Prêmio Jabuti de 2001.

A antropóloga, Dra. Luitgarde O.C. Barros, professora na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, após um período de 30 anos de pesquisa, reuniu em sua obra uma significativa documentação sobre o cangaço, sobre a história daquele sertão, enfim, sobre a cultura sertaneja. O livro é embasado em uma invejável documentação, que conjuga uma vasta bibliografia existente, as entrevistas que a autora colheu nos Estados de Sergipe, Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco, documentos e notícias de imprensa. A obra é de grande importância tanto para o estudo das ciências sociais e história, como para áreas ligadas à literatura, uma vez que o livro ao mesmo tempo que se beneficia da literatura para entender aquela cultura, ajuda a dar embasamento para uma leitura mais completa dos universos descritos e criados por autores que escreveram sobre o sertão, como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e, principalmente, Guimarães Rosa.

A questão do cangaço, no livro, é abordada por uma perspectiva diferente da adotada pela mídia, pelo *mainstream* de maneira geral, que muitas vezes vê Lampião como vítima, um bandido social, que entrou no cangaço para vingar a morte de seu pai, uma espécie de resistência à violência e corrupção da polícia daquele período. Idéia que a autora explica ter-se desenvolvido por livros, relatos dos descendentes, protetores e protegidos de Lampião. Essa, contudo, não é a opinião aceita pela maioria da população local.

A literatura de cordel faz parte da documentação em que a obra se embasa, e nesses versos, “filhos das gestas medievais” (4), Barros encontrou respostas

para entender o linguajar mais sofisticado que aquele povo, normalmente de uma fala mais econômica, usou muitas vezes ao relatar a sina dos que viveram a saga daquela região. E a gesta, feito histórico, canção de gesta, “constituída de fatos históricos, de elementos lendários e de ficções poéticas” (30) é parte do título do livro, introduzindo o leitor no seu objeto de estudo que é histórico, mas que já foi mitologizado no imaginário de um povo, de sua tradição oral e escrita. E é particularmente em relação ao falso mito de que Lampião entrou no cangaço para se vingar de seu pai, que a autora se refere no título de seu texto.

No resgate dessa história, Barros discorda do conceito de história desenvolvido por Maurice Halbwachs, em sua visão de que se deve esperar que grupos antigos e suas memórias não estejam mais presentes, para que se possa fazer a história, usando documentos da época, mas sem deixar-se guiar pela idéia dos respectivos contemporâneos. Ela, justamente, vai em busca dos depoimentos e opiniões destes, para resgatar o clima daquele sertão, e os choques de opiniões entre grupos adeptos e inimigos do cangaço. *A Derradeira Gesta* é um livro de memórias, de relatos: escritos e falados. Consciente das armadilhas da memória, trabalhando com esta na perspectiva de Henri Bergson, atenta ao fato de que as lembranças se alteram com a percepção e interesses dos agentes na sociedade e no papel que exercem na história contada, além do fato de que Bastos trabalha com a história de personagens já muito explorados na literatura, no cinema, televisão, o que ajudou na construção de uma memória coletiva que quase calou memórias pessoais, a Professora Luitgarde C.O Barros enfatiza a necessidade de se colher depoimentos detalhados e cruzá-los sistematicamente, para que se possa encontrar os pontos recorrentes e coincidentes dos relatos.

A origem alagoana da autora, e como ela diz, sua “experiência pessoal de vida sertaneja até os 20 anos de idade” (44), dá a ela uma intimidade com o universo sertanejo, que permite uma análise de seu objeto de estudo, de quem conhece o assunto de dentro, entendendo a cultura e o povo estudado. Sua própria mãe fora seqüestrada por Lampião, antes de a autora nascer. Apesar de tal proximidade, Barros mantém um rigor analítico e científico em sua análise.

Ao longo do livro dividido em 1) Introdução; 2) Cangaço e Memória; 3) Valentia e Identidade Cultural; 4) Ferreiras e Nazarenos – uma História do Sertão; 5) O Sertão Fragmentado; e 6) Conclusão, Barros introduz o leitor na história sócio-econômica da região, de seus valores, a nova classe social a que Nazarenos e Ferreiras pertencem. Ela apresenta as dimensões, espacial e tem-

poral (cronológica e da transtemporalidade do imaginário) em que a história se desenrola, sempre a relacionar esses aspectos com a identidade cultural do sertanejo. Nesse processo, ela explica a divisão geo-política da região; explora o significado do termo “sertão,” seu uso em documentos do período colonial, textos jornalísticos, autores como Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. Na visão de Manuel Antonio de Castro, o sertão rosiano, é o mais completo. No processo de investigação da identidade cultural do sertanejo, Barros considera também a questão da alimentação, embasando-se em Levy Strauss e no importante trabalho de Josué de Castro, que relaciona o clima, a flora, fauna e a repercussão destes sobre a população e sua alimentação. Desse ponto, ela aborda a questão da economia de subsistência local, a policultura do sertanejo, que forneceu os nutrientes necessários para que esse povo enfrentasse a vida dura da região.

Nesse entender do significado do sertão, o que é o sertanejo, a autora mostra a maneira como as classes mais baixas se organizaram ativamente, num movimento de reação em movimentos como a cabanagem e Canudos. Este, aliás, é o tema central de um outro livro da autora *A Terra da Mãe de Deus*. Essa organização, reação ativa de certas camadas da população, muitas vezes, consideradas passivas por certos teóricos, é também um dos focos centrais em *A Derradeira Gesta*, onde os Nazarenos, que simbolizam os estratos dominados da sociedade, se organizam e lutam contra o cangaço. Sobre o movimento de Canudos, Barros escreve “esses fenômenos demonstram nitidamente uma dinâmica social mais rica, dela emergindo sujeitos históricos capazes de enfrentar não só o poder local, mas o poder central constituído, do qual aquele era apenas uma representação do modelo de governo, de uma concepção de Estado violento na exclusão das camadas sociais mais pobres” (59).

Barros também enfoca a maneira como as classes dominantes se posicionaram em relação ao cangaço, e mais especificamente, em relação a Lampião: parte dela combatendo o cangaceiro e outra parte protegendo-o e sendo beneficiada por ele. Ela ainda, através da análise das ações dos cangaceiros, das volantes e das autoridades, explica a posição dos coiteiros (informantes), que, juntamente com suas famílias, foram uma das maiores vítimas da guerra do cangaço.

Virgulino Ferreira (Lampião) nasceu de uma família de pequenos proprietários. A professora Luitgarde O.C. Barros, em seu livro, mostra e comprova com registros que Virgulino já flertava com o crime em sua adolescência, e começara sua vida de crimes, antes da morte de seu pai. Ela descreve o Coronel Lucena também sendo frio e cruel, mas lutando no lado oposto do

de Lampião. Barros abre as cortinas do jogo de interesses, em que Lampião e a elite daquela região eram beneficiados. O cangaceiro atacava os inimigos de seus protetores, que depois, acabavam comprando as terras atacadas por um preço muito baixo. Com o dinheiro dos roubos, Lampião comprava armas de seus protegidos. A elite, de forma geral, não apoiou a luta contra o cangaço.

A autora em seu livro reescreve a história do Sertão, derrubando o mito de Lampião como um bandido social, e mostrando as cartas do jogo, em que o cangaceiro estava ligado às camadas mais altas do poder, num jogo de interesses.

Maria-Eugênia D.C. Freitas é bacharel em Comunicação Social, mestrado em Roteiro, e atualmente está fazendo doutorado em Communication Studies na University of Liverpool. Foi coordenadora da parte de filmes do Odyssey Group. E-mail: m.duarte-cunha-freitas@liverpool.ac.uk